

ESPRAIANDO A REVOLTA PELAS LETRAS: ARTICULAÇÃO E FABULAÇÃO ANARQUISTAS PELA LENTE LITERÁRIA DE EMMA GOLDMAN

Larissa Guedes Tokunaga

*Doutoranda em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH-USP)*⁴⁶

RESUMO: Para Emma Goldman, “um novo amanhecer” era a utopia realizável no cotidiano, no ensejo que cada nova narrativa vicejante trazia em sua trama. A literatura, para essa anarquista, seria concomitantemente diagnosticadora e articuladora. O diagnóstico que cada artista aportava seria como uma antena sensível às mazelas sociais. A articulação que a cultura anarquista costurava a partir dos gestos artísticos tinha o papel de comunicar e espriar em redes a consciência de si despertada pelas obras. O presente ensaio buscará mapear o papel de intérprete atribuído por Goldman a textos literários que espelham a vida e sacodem a letargia enfrentada pelas individualidades em um contexto de automatização e institucionalização das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: anarquismo; literatura; revolução; transnacionalismo.

ABSTRACT: For Emma Goldman, “a new dawn” was the utopia achievable in everyday life, in the opportunity that each new thriving narrative brought in its plot. Literature, for this anarchist, would be both diagnostic and articulating. The diagnosis that each artist provided would be like an antenna sensitive to social ills. The articulation that the anarchist culture sewed from the artistic gestures had the role of communicating and spreading in networks the self-consciousness awakened by the works. This essay will seek to map the role of interpreter attributed by Goldman to literary texts that mirror life and shake off the lethargy faced by individualities in a context of automatization and institutionalization of human relationships.

KEYWORDS: anarchism; literature; revolution; transnationalism.

46 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

INTRODUÇÃO: UMA HETEROTOPIA CARREADA PELAS LETRAS

Embora seja inviável sintetizar a vida de Emma Goldman, torna-se necessário pincelar algumas nuances do quadro de sua vida-obra. A anarquista nasceu na Lituânia, em 1869, tendo imigrado para os Estados Unidos aos 15 anos. No país das falaciosas oportunidades construiu uma trajetória enquanto operária, oradora, publicadora e militante. Ela foi alcunhada pela imprensa como *a mais perigosa da América*. Tendo sido perseguida diversas vezes, encarcerada recorrentemente e exilada na Rússia em 1919, Emma Goldman divulgou o uso de métodos contraceptivos e propugnou o controle da natalidade, foi contra o patriotismo e o alistamento militar obrigatório, a favor da liberdade de expressão e de uma emancipação do corpo-alma da mulher. Ela acompanhou o exercício do Parlamentarismo, da Democracia, do Comunismo e do Fascismo e denunciou como todos esses regimes redundaram em tiranias. Ativa defensora de uma educação experimental e de uma sexologia ainda em emergência, Goldman apostou nas individualidades como a base de toda a liberdade coletiva.

A trajetória da anarquista Emma Goldman foi constantemente atravessada pelo fazer-artístico. Tendo urdido sua obra em forma de vida-manifesto, a anarquista relata como desde tenra idade romances nihilistas russos a influenciaram indelevelmente. A obra *Que Fazer?*(1862), de Tchernichevski, a teria incitado a fabular uma fábrica cooperativa tal qual a protagonista Vera. (GOLDMAN, 2015: 22) A autogestão que surge como premissa da trama crivaria as ações-diretas propugnadas por Goldman, assim como um espelho que reflete a vida.

Efetivamente, a arte de pura fruição não entraria no escopo da anarquista. O esteticismo, ao não provocar a revolta, seria algo inócuo. Emma Goldman assistiu a um contexto de célere mercantilização e massificação do gosto artístico. Concomitantemente, a censura estadunidense tolhia a liberdade de expressão e elegia arbitrariamente obras consideradas obscenas. Tornava-se cada vez mais urgente alinhar o gesto estético ao ético, de modo que a arte fosse porta-voz das exclusões sociais e alinhada à vida.

Quando viaja a Viena e toma contato com dramaturgos europeus que disseminam dramas não mais comprometidos com enredos épicos, e sim com os dilemas subjetivos que assolam individualidades e coletividades na modernidade, Goldman se afina ao propósito de intérprete. Urdindo redes de divulgação transnacionais, a anarquista apresentou ao público estadunidense expressões de inquietação oriundas de diversas regiões. Foi assim que a coletânea *O Significado Social do Drama Moderno* surgiu em 1914, reunindo interpretações de peças de dramaturgos de seis

países. Ao considerar a subjetividade que tece narrativas como um arauto das inflexões de seu contexto histórico e geográfico, Goldman afirma:

Millet, Meunier, Turgenev, Dostoyevsky, Emerson, Walt Whitman, Tolstoy, Ibsen, Strindberg, Hauptmann e muitos outros refletem em seu trabalho a revolta espiritual e social tanto quanto o discurso mais inflamado do propagandista. E mais importante ainda, eles atraem uma atenção muito maior. Seu gênio criativo, imbuído do espírito de sinceridade e verdade, lança raízes onde a palavra comum muitas vezes cai em solo estéril. (GOLDMAN, 1914a: 5)

O antidogmatismo da arte desvinculada do puro esteticismo propiciaria um veio de comunicação que a propaganda estrita não alcançaria. Afastando-se da linguagem convencional e panfletária, a concepção goldmaniana de fazer-artístico assumia a tônica de desvendamento psicológico das farsas morais que foram naturalizadas ao longo da história. Assim, o comprometimento social da arte poderia ser entrevisto como a função de um sismógrafo que capta os movimentos subterrâneos do solo coletivo. Ao mesmo tempo em que registra as reverberações não percebidas de uma forma explícita, comunica sensivelmente os abalos que ainda estão no porvir.

Emma Goldman extraía mensagens anarquistas dos textos literários, empregando-as como instrumento pedagógico de persuasão. Contudo, diferentemente de uma propaganda doutrinadora, suas interpretações não se dirigiam a um público específico e nem carregava propósitos políticos de representação. Palestrando até mesmo diante de plateias não-anarquistas, as interpretações goldmanianas sublinhavam aspectos humanos, vitais e universais das tramas. O elemento visceral teria um alcance muito mais profundo do que o discurso pragmático e massificador de um político socialista imbuído de macroconceitos como “determinismo econômico”. Emma Goldman esboroa a dicotomia emoção subjetiva/consciência social, deixando entrever o potencial revolucionário da linguagem afinada à vida.

Embora a utopia goldmaniana não fosse teleológica, e sim uma heterotopia aberta ao devir, tal projeção emancipatória somente fermentaria a partir do desenvolvimento das potencialidades das individualidades, dentre as quais a centelha do gesto criativo. Segundo ela argumenta:

Dizem que, antigamente, todas as estradas levam a Roma. Na aplicação parafraseada das tendências de nossos dias, pode-se dizer verdadeiramente que todos os caminhos levam à grande reconstrução social. O despertar econômico do trabalhador e sua realização da necessidade de ação industrial concertada; as tendências da educação moderna, especialmente em sua aplicação ao livre desenvolvimento da criança; o espírito de crescente inquietação, expresso através da arte e da literatura e cultivado por ela, tudo abre o caminho para a Estrada Aberta. Acima de tudo, o drama moderno, operando através do duplo canal de dramaturgo e intérprete, afetando tanto a mente quanto o coração, é a força

mais forte no desenvolvimento do descontentamento social, inchando a poderosa maré de inquietação que avança e ultrapassa a barreira da ignorância, preconceito e superstição. (GOLDMAN, 1910:114)

Segundo Michel Foucault (2013), a heterotopia é um não-lugar, um espaço de suspensão das normatividades vigentes⁴⁷. Como em uma espécie de espelho, que embora reflita a realidade cria também uma virtualidade, a fabulação justapõe espaços outros em que as condições hegemônicas não habitam. Emma Goldman concebe a inquietação expressa nos romances como o gérmen de relações antiautoritárias, propugnando a coextensão entre liberdade de expressão e emancipação individual-coletiva. Ou seja, a literatura poderia estimular um duplo movimento: o dobrar-se sobre si e sobre as outras pessoas. Ao autorresgatar sua subjetividade a partir de uma leitura ativa, a individualidade poderia engendrar liames alternativos com as demais singularidades.

Um conceito fulcral para o entendimento do papel que a fábula em ação ocupava na militância goldmaniana é o de *transvaloração de valores*⁴⁸. Derivado do pensamento de Friedrich Nietzsche, essa ideia sintetiza um necessário desagrilhoamento em relação a conceitos apriorísticos, sacralizados ao longo da história, e que se tornariam “tiranos internos” (GOLDMAN, 2021: 127) que tolhem o florescimento de um “eu” imanente, alinhado à vida.

A literatura, nesse sentido, contribuiria para diluir a insidiosa influência da autoridade moral sobre as personalidades, na medida em que expõe as pessoas a novas possibilidades de resistir à cisão entre desejo e dever. Emma Goldman propugna que “tal literatura, tal drama, é ao mesmo tempo o reflexo e a inspiração da humanidade em sua eterna busca por coisas superiores e melhores”. (GOLDMAN, 1914a: 6)

Todavia, a anarquista supracitada salienta (1914a) que a mais eficaz professora está na *escola da vida*, apontando para a necessidade de propalar a mensagem social do drama em países nos quais as opressões afetam densamente todas as camadas da população. A intelectualidade poderia se aliar às lutas de trabalhadores e disseminar a revolta desde que a literatura fosse uma antena sensível para captar as perenes batalhas que se travam em cada fase da vida.

Torna-se patente, assim, o viés goldmaniano do fazer-artístico como intérprete: ao traduzir realidades que não afetam a todas as pessoas, o lume da literatura traz à cena a situação prisional e suas condições opressoras, a iniquidade que estrutura o lar patriarcal, o hábito moral como corruptor da personalidade etc. O elemento sensibilizador da arte compôs a propaganda anarquista pelo

47 O conceito de heterotopia designa outros espaços, aludindo à possibilidade de abrir espaços de experimentação.

48 Tal conceito nietzschiano propõe que os valores, sendo demasiadamente humanos, necessitam de uma revisão e não de uma essencialização. A corrosão de valores como “bem”/“mal” seria uma forma de niilismo ativo que busca na vida imanente o cerne do pensamento.

exemplo subjetivo. Embora Emma Goldman não vilipendiasse completamente a propaganda pela ação, frequentemente utilizadora de artifícios violentos, lhe interessariam as vidas dissidentes e sua capacidade de contagiar a coletividade por seus próprios gestos cotidianos.

A heterotopia libertária não é uma falsa consciência, mas uma atmosfera tangível na virada do século XIX para o XX. As publicações anarquistas foram difundidas em periódicos, grupos filodramáticos, sindicatos, escolas modernas, orquestrando-se assim o desejo de ruptura institucional. Não por acaso, Emma Goldman enveredou pela construção coletiva de um periódico que respondesse a tal contexto de experimentação. Tendo se formado como oradora que convocava multidões, a anarquista relata que sentiu a necessidade de provocar uma impressão ainda mais duradoura do que a gerada em conferências públicas. Segundo ela afirma:

Minha grande fé no fazedor de maravilhas, na palavra falada, não existe mais. Percebi sua inadequação para despertar o pensamento, ou mesmo a emoção. Gradualmente, e com grande luta contra essa percepção, passei a ver que a propaganda oral é, na melhor das hipóteses, um meio de sacudir as pessoas de sua letargia: não deixa uma impressão duradoura. O próprio fato de que a maioria das pessoas só assiste a reuniões se despertadas pelas sensações do jornal, ou porque esperam se divertir, é prova de que realmente não têm necessidade interior de aprender. É totalmente diferente com o modo escrito de expressão humana. (GOLDMAN, 1910: 18)

Emma Goldman mirava a relação intimista entre escritores/as e leitores/as, buscando um solo fértil em que as narrativas pudessem germinar. Assim, se observará doravante como a revista *Mother Earth* se tornou um bastião da literatura enquanto detonadora de uma revolta anarquista, abrindo um espaço educativo de compartilhamento das produções intelectuais de Henrik Ibsen, Walt Whitman e outros/as artistas, bem como de propagação dos eventos de resistência que se teciam em redes transnacionais.

MOTHER EARTH E UM NOVO AMANHECER

A revista *Mother Earth* (1906-1918), organizada por Emma Goldman e companheiras/os anarquistas, apresentaria em sua capa de estreia a emblemática imagem de um casal edênico acenando para o alvorecer. Libertas dos grilhões, que aparecem rompidos no solo, as individualidades despontam desprovidas de vestimentas sociais, surgindo reconciliadas com a potencialidade da natureza.

“Quem se separa da Mãe Terra e de suas fontes de vida flui para o exílio” (GOLDMAN, 1906b:1). Tal frase é o epítome da narrativa urdida por Goldman e Max Baginski para explicar o surgimento da revista. A Mãe Terra foi dilapidada não só pelos colonizadores, mas pelos norte-

americanos e outros povos que alimentam a competição entre si, obstando o progresso de um planeta que organicamente teria riquezas para servir a cada individualidade livre. Em vez disso, todavia, as promessas de emancipação são alardeadas em um além-terra justamente para fomentar o conformismo religioso perante a exploração capitalista. Em sua autobiografia, *Vivendo Minha Vida* (1931), Emma Goldman relataria como o título do periódico brotou em sua mente:

Era começo de fevereiro, porém o ar já trazia o bálsamo da primavera. O solo começava a se libertar do jugo do inverno, e brotos verdes surgiam e indicavam a vida germinando no ventre da mãe terra. “Mother Earth!”, pensei; “ora, é esse o nome de nossa criança! O provedor do ser humano, do homem/mulher livres e desimpedidos em seu acesso à terra livre! ” O título soou em meus ouvidos como uma melodia conhecida. (GOLDMAN, 2015: 276)

Em seu epíteto, o título do periódico carrega o fato de ser devotado à Ciência e à Literatura. Trata-se, portanto, de um libelo contra um pensamento eivado de superstições e dogmas institucionalizados, atrelando-se a uma perspectiva de evolução imanente da humanidade⁴⁹. Enquanto o lume científico apontaria para a falácia de uma sociedade que só sobrevive com amparos institucionais, verticalizados e baseados em uma “segurança” bélica, a arte despertaria as consciências a partir de um autorresgate da liberdade ancorada na corporalidade.

A publicação do periódico *Mother Earth* (1906-1917) se imiscui em um contexto estadunidense de repressão à cultura libertária. Desde 1872, Anthony Comstock institui leis antiobscenidade, proibindo a divulgação de materiais tidos como afrontosos à moralidade. Todavia, quando nasce, em 1906, a revista que antes seria chamada de “Estrada Aberta”⁵⁰, acompanha um fervilhar de expressões que ocorrem em uma época otimista. Antes da Primeira Guerra se instaurar, houve uma maré de agitação nos Estados Unidos: o crescimento do movimento em prol do controle de natalidade, uniões de trabalhadores das indústrias, modernismo emergindo na literatura e nas artes em geral, lutas em prol dos direitos das mulheres, batalhas pela reforma prisional etc. Em resposta a esse panorama, o medo de uma violência revolucionária foi instilado pelos governantes através da opinião pública. As leis antianarquistas recrudesceriam como reação a tal contexto progressista do pré-guerra.

A literatura deveria acenar não só à necessidade de uma liberdade de expressão assegurada, mas à relevância de articular outros mundos possíveis. Dessa forma, os ensaios publicados no periódico assumem um tom convocatório para um futuro outro. Endereçados frequentemente a uma

49 O prisma anarquista de evolução não responderia a um plano transcendente, teleológico, religioso. Pelo contrário, Piotr Kropotkin, um dos geógrafos anarquistas mais proeminentes, mostraria que a sociedade progrediria em seu desenvolvimento de uma cooperação humana.

50 Uma alusão proposital ao poema *Open Road*, de Walt Whitman.

juventude capaz de promover uma revisão de valores, os contos, poemas e relatos de resistência traziam provocações acerca da configuração da humanidade. Segundo Lily Litvak, a arte dissidente estaria em diapásão com uma ética anarquista que se entranha na própria vida. Conforme ela aponta, “as obras anarquistas desvelam a verdade em cenas cotidianas. As personagens se situam na sociedade capitalista, onde se enfrentam o povo e seus inimigos”. (LITVAK, 1988:79)

Mother Earth se tornou um canal de comunicação relevante para que a intelectualidade diagnosticasse as mazelas sociais e se afinasse às práticas anarquistas. Para Emma Goldman, o/a artista deveria reconhecer como o gesto criativo não está isento de ser capturado pela lógica capitalista. Analogamente ao trabalho braçal, o esforço mental estaria se tornando cada vez mais adaptado às demandas mercadológicas. No ensaio “Proletários Intelectuais” (1914), Goldman argumenta:

A proletarização do nosso tempo vai muito além do campo do trabalho manual; de fato, no sentido mais amplo, todos aqueles que trabalham para a vida, seja com mão ou cérebro, todos que precisam vender suas habilidades, conhecimentos, experiências e habilidades são proletários. Deste ponto de vista, todo o nosso sistema, com exceção duma classe muito limitada, foi proletarizado. (GOLDMAN, 1914b: 1)

Nesse sentido, a literatura não poderia se eximir de seu papel como porta-voz de trabalhadores/as, minando o verniz de uma arte que tende a adorar o “santuário do dinheiro” (GOLDMAN, 1914b, p. 2) e denunciando a absorção das singularidades por artifícios institucionais. A nova ética propugnada ao longo das edições da *Mother Earth* pode ser sintetizada a partir da ideia de descolonização da mente humana. Em várias de suas conferências, Goldman defendeu a premissa de que a individualidade deveria espantar seus fantasmas e se autodescobrir para, só assim, conseguir construir uma nova civilização. O drama social moderno, nesse sentido, foi entrevisto como um poderoso instrumento dessacralizador de tais superstições alienantes.

UM PODEROSO DISSEMINADOR DO PENSAMENTO RADICAL

A estrada aberta propugnada por Emma Goldman e corporificada pela *Mother Earth* não admitia narrativas fatalistas. Se outrora as peças teatrais traziam a insígnia do heroísmo épico, resvalando em uma lógica maniqueísta e moralizante, o Drama Social Moderno, sob a pena da anarquista, aportava a tônica de uma vida refratária a quaisquer teorias. Destoando das *pièces bien faites*⁵¹, que aportavam uma conduta prescritiva, as obras dramáticas de Ibsen, Strindberg, Bernard Shaw, dentre outros dramaturgos do século XIX, abalavam as crenças naturalizadas, expondo o

51 Esse termo designa um gênero dramático do século XIX caracterizado por uma fórmula sintética a partir da qual o clímax já era mecanicamente previsto.

dilaceramento das consciências subjetivas e descosturando os arranjos sociais tradicionais. Os dramas modernos escrutinam e escancaram o lar patriarcal, antes aparentemente inviolável, desvelando suas contradições. Segundo aponta Goldman, as narrativas deveriam inquietar e não apaziguar as subjetividades, incitando-as a encarar a realidade sob um prisma desvelado em sua profanação. Enfaticamente, ela argumenta:

O espírito de inquietação que está minando a torre de marfim do conhecimento é igualmente forte em atividades literárias, dramáticas e artísticas. Não queremos mais um romance que represente a heroína em um vestido fofo e o herói de joelhos diante de sua amada; nem nos importamos com o drama como mera diversão ociosa. Olhamos para ambos como o espelho da luta por uma maior expansão humana. Em outras palavras, a literatura e o drama de hoje são os expoentes mais ardentes das forças acumuladas em homens e mulheres que tentam encontrar a si mesmos e seu verdadeiro contato com seus semelhantes. (Apud FERGUSON, 2011:196)

Dar vazão ao desejo consubstanciaria uma forma de luta especialmente relevante, na medida em que convocaria os afetos coletivos a repensarem formas de organização já introjetadas. Max Baginski, um dos companheiros editores do periódico goldmaniano, aduziria que o Drama Moderno envolve as condições reais – sociais, materiais e psicológicas – dos indivíduos na sociedade, elementos que traziam “a conciliação há muito tempo desprezada entre a mente e o corpo” (BAGINSKI,1906: 36). Justamente por não se edificar sobre julgamentos morais, as tramas dramáticas poderiam evidenciar a necessária articulação entre instintos individuais e instintos sociais. Emma Goldman, muito inspirada por Sigmund Freud e sexólogos como Havelock Ellis, propugnava uma anticisão entre desejo e dever, de modo que as singularidades pudessem se expressar em diapasão com uma coletividade que não as reprimisse, mas se expandisse a partir da convivência entre individualidades. Em vez de buscar uma resposta peremptória na esfera transcendente, encontrar questionamentos nas vicissitudes da vida: essa seria a tônica da leitura anarquista que Emma Goldman realiza acerca das peças.

Assim, o prisma goldmaniano supunha um recorte didático dos textos dramáticos. Segundo explica Kathy Ferguson, estudiosa da obra da anarquista,

as palestras e livros de Goldman sobre drama envolvem uma breve introdução ao dramaturgo e sua época, um resumo do enredo baseado em extensas citações da peça e um comentário esboçando a “lição moral” ou “mensagem revolucionária” da narrativa. (Apud FERGUSON, 2011: 241)

A mensagem revolucionária era pautada pela convicção de Emma Goldman em um potencial deseducativo da literatura em direção ao desagrilhoamento das mentalidades que estavam sob a égide de conceitos religiosos. A verdadeira educação não envolveria a subsunção das

individualidades às narrativas de obediência, mas a autoassunção das existências indelegáveis. A própria trajetória dos autores já consubstanciaria um exemplo de dissidência para a anarquista. O periódico *Mother Earth* corriqueiramente sublinhou as biografias de dramaturgos como jornadas disruptivas, alçando a verve criativa a um potencial demolidor de dicotomias como ação direta/ação discursiva, filosofia de vida/militância, liberdade privada/emancipação pública.

Emma Goldman foi uma grande divulgadora e publicadora de diversos textos dramáticos. Contudo, sua admiração por Henrik Ibsen (1828-1906) é notável. Conforme o descreve, a pena de Goldman enaltece a escrita erosiva do dramaturgo norueguês: “demolidor intransigente de todos os falsos ídolos e dinamitador de todas as fraudes sociais e hipocrisia, Ibsen esforçou-se consistentemente para arrancar cada pedra da nossa estrutura social.” (GOLDMAN, 1914: 8) Ao interpretar quatro peças ibsenianas, a saber: “Os Pilares da Sociedade”, “Fantasmas”, “A Casa de Bonecas” e “Um Inimigo do Povo”, Emma Goldman colocou em letra maiúscula os *leitmotives* que o norteavam: a *verdade* e a *liberdade*.

Em *A Casa de Bonecas*, Ibsen aportaria, na perspectiva goldmaniana, a fabulação da emancipação feminina. Todavia, não se trataria de uma literatura a serviço da conquista de direitos representativos das mulheres. Para Goldman, a peça ibseniana aborda as superstições entranhadas na corporalidade/alma feminina: amarras das quais somente a própria subjetividade pode se libertar. A solitude da protagonista já seria uma alegoria da ação direta que contestaria a autoridade patriarcal. Aqui, a literatura convoca ao exercício de desvelar os micropoderes insidiosos que se esgueiram nas próprias crenças da personagem. Nora, que se evade do lar, deixando marido, filhas e a ideia de obrigação eterna em relação aos deveres domésticos, representa para Emma Goldman o epítome de um autorresgate de uma vida que se devotou ao transcendente e agora se alinha a uma liberdade imanente. Segundo sentencia a lápide da anarquista: “a liberdade não descerá ao povo; o povo deve se elevar à liberdade” (1940). Ou seja, as palavras convocam leitores/as e espectadores/as a descosturar a trama e encontrar fios soltos que, em seu próprio cotidiano, possam desvendar a saída de tal labirinto interno.

A LITERATURA COMO ARAUTO DA VIDA E REVOLUÇÃO

Compreender como a concepção de revolução pode ser alimentada pelo gesto literário formou um dos escopos goldmanianos ao longo de sua trajetória. No cenário pós-Revolução Russa, no entanto, a anarquista não se isentou de tecer uma contundente crítica ao fazer-artístico cooptado pela máquina propagandística e burocrática do partido bolchevique. A chamada “cultura proletária”,

Proletkult, preconizava uma disciplinarização e sistematização da criação artística, segundo o diagnóstico de Emma Goldman. (1920:13) O amortecimento dos sentidos e do impulso criativo seria um corolário da artificialização do gesto subjetivo, que deixa de partir de uma singularidade e passa a ser orientado verticalmente. Assim como reflete Oscar Wilde, a anarquista só consegue conceber a arte como livre expressão da personalidade⁵². Diversos/as artistas não obtiveram reconhecimento de suas obras e, no entanto, legaram um gesto ético-estético transgressor e comprometido com a emancipação. Logo, a opinião pública não deveria ditar as normas estilísticas e a mensagem subjacente ao fazer-artístico. A arte que rechaçasse esse gosto massificado estaria em afinamento com a própria vida. E arte e vida seriam “chamas gêmeas da revolta”. (GOLDMAN, 2015: 288)

Em “A Hipocrisia do Puritanismo” (1911), Emma Goldman associa a liberdade criativa das individualidades ao potencial de comover a humanidade e, assim, engendrar coletivamente laços sociais que prescindem das instituições. Observe-se, pois, tal excerto:

Todo estímulo que desperta a imaginação e eleva o espírito é tão necessário à vida quanto o ar. Fortalece o corpo e aprimora nossa visão da comunidade humana. Sem estímulos, seja qual for a forma, o trabalho criativo é impossível, como é também impossível o espírito de bondade e generosidade. O fato de alguns gênios notáveis terem buscado inspiração no cálice com frequência excessiva não justifica que o puritanismo tente agrilhoar todo o leque das emoções humanas. Um Byron, um Poe comoveram a humanidade muito mais profundamente do que todos os puritanos juntos sequer podem sonhar. (GOLDMAN, 1911: 75)

(Co-) mover a humanidade por um ideal comum era o escopo de Emma Goldman ao escrutinar obras literárias em ensaios e conferências. Todavia, seu diagnóstico era bem mais estrutural: as formas de instilar o dogmatismo e o puritanismo se tornavam cada vez mais insidiosas no âmbito seja do comunismo, seja da democracia. Desde tenra idade, as individualidades seriam submetidas a artifícios externos que obnubilam as necessidades naturais internas. A anarquista, nesse viés, sublinharia como as crianças enfrentariam “inimigos”, (GOLDMAN, 1906a) desde a educação pragmática, militarista, burocrática e factual até o conservadorismo cultivado através da reedição das tradições paternas. A fabulação encontra, no manifesto goldmaniano, o *status* de elemento vital para a lapidação do corpo/alma. De acordo com o diagnóstico da anarquista,

A criança mostra suas tendências individuais nas suas brincadeiras, nas suas perguntas, em sua associação com pessoas e coisas. Mas tem de lutar contra a eterna interferência externa em seu mundo de pensamento e emoção. Não deve se expressar em harmonia com sua natureza, com sua crescente personalidade. Deve se tornar uma coisa, um objeto. Suas

52 No bojo do ensaio *A alma do homem sob o socialismo*, Oscar Wilde critica a arte devotada a interesses externos, seja aos apelos do mercado, seja a demandas filantrópicas. A individualidade deveria imprimir toda sua verve em suas obras.

perguntas são respondidas com respostas rasas, convencionais e ridículas, baseadas principalmente em falsidades; e quando, com olhos grandes, imaginários e inocentes, deseja contemplar as maravilhas do mundo, os de cima rapidamente fecham as janelas e portas, e mantêm a delicada planta humana em uma atmosfera de estufa, onde não pode respirar nem crescer livremente. (GOLDMAN, 1906a: 2)

Pode-se inferir, então, que o anarquismo entrevisto enquanto heterotopia que conjuga o sentir e pensar apela a uma literatura que não represe o devir-criança⁵³ encerrado em cada individualidade humana. Devir-criança, este, que pode ser entendido enquanto uma suspensão das normatividades e um perene jogo de curiosidade, improviso, faz-de-conta. Que forma mais eficaz de interpelar as certezas adultas e aparentemente apriorísticas dos adultos que não a literatura que provoca e intervém? Ao mesmo tempo em que traduz uma realidade encoberta pelos fantasmas morais, o jogo literário também promove a alegria. Tal verve inventiva e dionisíaca empresta a fagulha para a revolução.

Quando trava contato com uma escola experimental da Alemanha, Emma Goldman assevera enfaticamente o potencial formativo do gesto artístico. Em um prisma holístico, a anarquista atenta para o exercício antiautoritário que recobre todas as fases da vida. Em seu relato, ela observa que

O contato sério com a vida não pode entorpecer a capacidade de alegria e diversão. Pelo contrário. Todo aprendizado é adquirido através do jogo. Assim, a leitura e a escrita são obtidas mais facilmente pelo interesse pela atuação e pela mímica do que pela cartilha. O teatro ocupa um lugar muito importante na vida das escolas experimentais, assim como a música, as danças rítmicas e vários jogos. Não apenas a mente, mas o corpo e o espírito encontram expressão irrestrita na escola experimental. (GOLDMAN, s.d.:14)

Não é por acaso que a anarquista se inscrevia em uma cultura libertária que orbitava não somente as correntes clássicas, como o anarco-comunismo inspirado por Kropotkin, mas também os chamados transcendentalistas estadunidenses, que preconizavam a autossuficiência e a desobediência civil. Em Emerson e Thoreau, Emma Goldman vislumbrou a necessidade de um cultivo de si para a revolução. Em sua vida-manifesto, a escrita de si se forma como um eixo de perene fabulação. A experimentação começa em letras que recusam as mediações externas. Letras essas que exprimiriam essa emancipação como algo comum a todas as individualidades. Como a própria fala do dramaturgo Strindberg, transcrita e endossada pela anarquista revela, “o artista moderno é um pregador leigo que populariza as questões prementes de seu tempo, não necessariamente porque seu objetivo é fazer proselitismo, mas porque ele pode se expressar melhor sendo fiel à vida”. (GOLDMAN, 1914: 1)

53 Na esteira de Deleuze e Guattari, o devir é uma travessia que suspende conceitos apriorísticos e territorializados. O devir-criança poderia ser explicado através de uma potência de habitar novos espaços, cultivar a intensidade que move a curiosidade e a erosão de valores pré-concebidos por meio da vivência.

Afinal, a revolução carregada pelas letras pressupõe uma concepção de anarquismo cuja força desagrilhoadora depende da autoconfiança das pessoas em suas próprias vias de emancipação.

WALT WHITMAN E A ESTRADA ABERTA PARA A UTOPIA ANARQUISTA

Todos os lampejos literários articulados por Emma Goldman em suas conferências e livros poderiam ser condensados em sua admiração pelo poeta Walt Whitman (1819-1892). A relevância literária para a trama de uma vida que faz da natureza seu único itinerário surge no manifesto goldmaniano em prol da trajetória do escritor estadunidense. Considerando-o difusor de uma mensagem humana, a anarquista sublinha em Whitman o papel de intérprete das personalidades que geralmente têm suas potencialidades elididas pela linha demarcatória entre bem/ mal, vício/virtude, moralidade/expressão sexual.

Cantar uma individualidade que concomitantemente seria singular e universal representa, para Goldman, uma característica prenunciadora do anarquismo. Ao versar sobre temas como sexualidade, prostituição, imigração, o poeta criava uma janela de identificação com corporalidades corriqueiramente excluídas da cena pública. Liricamente, Whitman retratava a Fita de Möbius⁵⁴ que a anarquista entrevia entre subjetividade e humanidade, isto é, um feixe indissolúvel entre a liberdade de expressão de uma pessoa e um tecido coletivo que amplia tal potencialidade individual. Sem um ideal que não fosse incorporado por cada singularidade a revolução social seguiria inviável. A leitura de Whitman não forneceria uma passiva contemplação, mas uma radical ferramenta de agitação sob a perspectiva goldmaniana. Entusiasticamente, ela propugna:

Assim como o ser humano aparece para o grande e velho Walt, ele também aparece no anarquismo, todos igualmente relacionados à vida, todos entrelaçados com a sociedade, mas cada um com uma personalidade. Quando as barreiras artificiais não mais existirem, e o ser humano não for mais domesticado para o Estado, o capitalismo, a Igreja e a Moralidade, quando a Mãe Terra se tornar patrimônio comum da raça, um meio de bem-estar e alegria, então a diferenciação entre a sociedade e o indivíduo, o agregado e a unidade não existirão mais. Para isso precisamos de um renascimento intelectual e material. (GOLDMAN, s.d.:13)

É necessário pontuar que nem Walt Whitman nem Henrik Ibsen se autodeclaravam anarquistas. Todavia, o arsenal de propaganda libertária de Goldman tinha como critérios a inclusão de obras que prefigurassem uma minoria visionária. Em um tom quase martírico, a lente goldmaniana focaliza a exclusão que as pessoas artistas sofreriam justamente por aportar um panorama contra-hegemônico da vida, satirizando realidades correntes e apresentando cenários nos

⁵⁴ Trata-se de uma fita que apresenta um lado só, confundindo-se a face interna e externa em uma continuidade inextricável.

quais as individualidades se autogovernariam. Whitman escancara os desejos sexuais, traz à tona o tema da homossexualidade e fabula relações intersubjetivas espontâneas, mas não sem sofrer reprimendas sociais pela adoção de um estilo transgressor.

Nesse sentido, a revista *Mother Earth* divulgou a obra do poeta supracitado como ferramenta educativa, seguindo o mote da Escola Moderna⁵⁵ de um aprendizado motivado pela vontade das subjetividades e não direcionado por cartilhas prescritivas ou doutrinas externas. Em um ensaio publicado no periódico goldmaniano, intitulado “A Democracia de Walt Whitman”, Elizabeth Ferm (FERM, 1907: 23-31) propugna que a educação e a agitação anarquistas encontram na obra do poeta a recusa à diferenciação dos sexos, a camaradagem universal e o florescimento do egoísmo inerente ao cultivo de si. A democracia direta, sem representantes, seria natural à criança e surgiria espontaneamente em Walt Whitman. Este último, assim como as crianças, não nutriria curiosidades sobre Deus e os mistérios da vida, mas sobre si mesmo. Emma Goldman também evocaria a premissa da autossuficiência presente nos versos do poeta. Em *To You*, Whitman escreve: “só eu sou aquele que não coloca sobre você nenhum mestre, dono, ou melhor Deus além daquele que reside intrinsecamente em você.” (WHITMAN, 1855)

Em uma palestra recorrente no cotidiano de militância de Emma Goldman, ela alardearia: “o propósito da arte é trazer uma nova visão da vida. A revolução é o elemento que impregna a vida de novos objetivos, novos valores, novas visões. Daí a estreita relação entre arte e revolução.” (GOLDMAN, s.d. : 29) Embora houvesse certa reticência dentro das próprias fileiras anarquistas a uma militância que não fosse estritamente dirigida às greves de trabalhadores, boicotes e com mensagens anarcossindicalistas, os discursos goldmanianos adentraram a literatura a partir desse gesto de reconhecimento de uma emancipação integral⁵⁶. Em si, o fazer-literário não seria uma prática anarquista se não se embrenhasse nas entranhas da humanidade e abalasse as crenças e preconceitos. Tal viés antropológico da arte como experiência vital considera o gesto artístico como mediação possível para o desenvolvimento de uma premente ética libertária no presente, sem que haja a espera coletiva por um distante porvir revolucionário.

55 A Escola Moderna, projeto sustentado pelo espanhol Francisco Ferrer (1901-1909) que se contrapunha aos moldes educacionais dogmáticos e obscurantistas, forjados pela influência da Igreja Católica, tinha como premissas a pedagogia autonomista e o ensino racional, orientado a partir dos desejos dos indivíduos.

56 A respeito da resistência de companheiros militantes como Alexander Berkman a respeito da propaganda pelo exemplo, Emma Goldman afirmaria: “essa dificuldade vencida, outra surgiu: condenação de minhas próprias fieiras. *Mother Earth* não era revolucionária o suficiente, alegavam, a razão sem dúvida porque ela tratava o anarquismo menos como dogma do que como um ideal libertador”. Cf. (GOLDMAN, 2015, p. 288)

LITERATURA EM DEVIR RADICAL: CONTRIBUIÇÕES DE GOLDMAN

A contribuição da ponte estabelecida entre literatura e anarquismo pelo canal de intérprete de Emma Goldman pode ser considerada transnacional. Ao mesmo tempo em que diagnostica o contexto repressor estadunidense, tece redes que atravessam fronteiras e divulgam a literatura proveniente de outros países como uma forma de agitação que converte o olhar de alteridade para um olhar humano: as mazelas sociais de cunho estrutural seriam as mesmas. Conforme a anarquista diagnostica:

A Europa pode, ao menos, gabar-se de possuir uma arte e literatura audaciosas o suficiente para examinar a profundidade dos problemas sociais e sexuais do nosso tempo, exercitando a crítica severa sobre todas as nossas vergonhas. Como se tratasse de um bisturi cirúrgico, toda carcaça puritana é dissecada, e o caminho é assim aberto para a libertação do homem do peso morto do passado. Mas com o puritanismo a inspecionar, a todo momento, a vida americana, nem a verdade nem a sinceridade são possíveis. Nada que não seja tristeza e mediocridade para ditar a conduta humana, cercear a expressão natural e abafar os nossos melhores impulsos. (GOLDMAN, 1911: 73)

Para engendrar um espaço de circulação que aportasse o apoio da opinião pública às práticas anarquistas e desmentisse a ideia de que a revolução estaria fundada sobre uma utopia irrealizável em solo estadunidense, a literatura assumiu um papel fulcral. As publicações e palestras de Goldman contribuíram para a criação de uma cultura libertária que agregou imigrantes, intelectuais e militantes em torno de um espectro de ideias radicais que reverberaria durante décadas. Conforme atesta seu relato, a primeira conferência (1907) sobre textos dramáticos reuniu trabalhadores que extraíam minérios. Efetivamente, não é possível descurar do potencial mobilizador das conferências goldmanianas sobre as vidas-obras de diversos dramaturgos: o público que afluía às palestras sobre literatura e revolução é refletido no número de ingressos e obras vendidas ao final das apresentações⁵⁷. A causa anarquista contava com recursos financeiros oriundos dessas palestras e, ademais, os temas elencados, suscitadores de identificação universal, incitavam um público não-anarquista a conhecer as práticas libertárias.

O material literário também propiciou alinhavos de Emma Goldman com mulheres acadêmicas de sua época. Clubes literários compostos por um público feminino em Denver foram receptivos às ideias radicais. Esse *sonhar* compartilhado fomentou a ideia goldmaniana de que as revoluções sociais são plausíveis no presente imediato. Desde que esses elos contagiassem todos os estratos sociais, consolidando a ideia de uma união orgânica entre proletários e intelectuais, a

⁵⁷ Estima-se que entre os anos de 1906 a 1916, Emma Goldman tenha feito de 120 a 320 conferências por ano, alcançando praticamente 50.000 pessoas anualmente.

fabulação sempre traria um lastro científico. Afinal, a concepção anarquista de evolução é diametralmente oposta àquela teleologia capitalista que sacraliza as iniquidades e doenças sociais.

A literatura mobilizada no espaço heterotópico da *Mother Earth* não corroborava o espírito patriótico, mas buscava diagnosticar em revoluções estrangeiras a fagulha da revolta contra o próprio cenário nativo. Emma Goldman versou sobre a relevância que o gesto de sensibilizar consciências sempre ocupou no contexto russo pré-revolucionário, por exemplo. Concomitantemente, alardeou severas críticas ao puritanismo que espreitava quaisquer publicações nos Estados Unidos. O gesto corrosivo, no entanto, não redundaria em uma leitura cética da sociedade, mas seria lido por Goldman como gatilho para novas possibilidades coletivas. E, conforme Lily Litvak aduz,

A utopia anarquista deve ser compreendida como metáfora dupla, concebida tanto por esperança como por desespero. A visão do porvir anarquista se tece em nome de valores ideais; despreziados ou atraídos no presente, existentes às vezes no passado, realizados no futuro, mas sempre, no sonho do que virá, se opõe ao pesadelo do que hoje domina. Por esse motivo, (...) a estrutura da sociedade perfeita se levanta sobre as ruínas do mundo capitalista e à visão da utopia, precede, como preâmbulo imprescindível, a Revolução Social. (LITVAK, 1981: 371-372)

O anarquismo diagnosticador e articulador que Emma Goldman propagou atravessou épocas. Afinal, as batalhas narrativas são formas de luta perenemente ressignificadas. Na década de 60 do século XX, a heterotopia alavancada outrora pela *Mother Earth* e por outras expressões da Greenwich Village reacenderia a partir de uma geração composta por miríades de ativistas contraculturais: feministas, artistas, manifestantes antiguerra, militantes em prol de direitos civis. As demandas feministas continuam ecoando a articulação entre sexualidade e política, retomando e grifando o prisma goldmaniano de registro literário de vidas dissidentes. Candace Falk, uma das biógrafas de Emma Goldman, aponta que a anarquista “despertou a imaginação de gerações de espíritos livres”. (FALK, 2007: 41)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Semear as palavras para lavrar a revolta era uma estratégia de propaganda anarquista que Emma Goldman exercitou não sem antes emprestar sua lente antidogmática e antissectária. Só muito recentemente, todavia, os estudos começaram a apontar para a relevância das divulgações e interpretações de obras literárias que a militante levou a cabo dentro e fora das fileiras anarquistas. Enquanto um movimento perene e integral de emancipação, que atualmente poder-se-ia designar como interseccional, o anarquismo nunca prescindiu da cultura e da educação como plataformas de luta. A transvaloração de valores no plano das mentalidades era tão imprescindível quanto a

revolução das condições materiais de existência. Assim, a literatura assumiria um papel de afeto que impulsiona ao escrutínio e transformação das condições vigentes. A fabulação não admitiria reformismos, mas somente a construção de uma realidade dissidente que principia no olhar sobre si e desagua na construção de liames horizontalizados com os outros.

Quando se observa a tessitura da narrativa que norteia o periódico *Mother Earth*, percebe-se que a proposta formativa não redundava em *slogans* utilitários destinados a instruir o proletariado a concertar ações-diretas de forma massificada. A singularidade que brota a cada linha é aquele elemento cênico que se associa às especificidades de cada vida humana. A literatura que expõe as vísceras da esfera privada comunica a necessidade de dessacralizar conceitos que antes guiavam as trajetórias.

Não por acaso, Emma Goldman associou a literatura à necessidade de uma experimentação ético-estética também no campo da educação. A ação revolucionária só floresceria onde a imaginação ocupasse terreno fértil. Assim, as mensagens sociais que a anarquista extraía dos textos dramáticos eram pedagógicas. Todavia, aqui a pedagogia disciplinar cai por terra quando se compreende que os desejos seriam o mote do aprendizado: a via sentipensante deveria suplantar o ensino convencionalmente adestrador do corpo-alma, na medida em que as emoções também são os esteios de uma humanidade anarquista e, conseqüentemente, solidária.

Walt Whitman, nesse sentido, contribuiria para a tessitura do pensamento goldmaniano ao sublinhar liricamente a corporalidade como elemento vital da fabulação de mundos outros. A estrutura imaginária é a da recusa de artifícios que minam os gestos humanos. Em um cenário de célere industrialização e automatização dos Estados Unidos, o poeta evocou a natureza como formadora do corpo/alma, e não como ambiente externo de dilapidação, além de trazer à tona a necessidade do cultivo de uma autossuficiência da individualidade. Emma Goldman entreviu nesse gesto lírico uma janela para mostrar como o anarquismo valoriza o fruir das riquezas naturais sem assimetrias, exclusões e mediações institucionais.

Ao romper com o pedestal do fazer-artístico como algo restrito a uma elite iluminada, o anarquismo goldmaniano preconiza a circulação de ideias entre todos os estratos sociais e regiões. A literatura, sob o prisma de Emma Goldman, suspendia espaços demarcatórios, elidindo fronteiras e sentimentos patrióticos. Todavia, o gesto literário não poderia sucumbir ao gosto sensacionalista do mercado ou a ditames estilísticos de uma academia. Afinal, atuar como intérprete é desterritorializar e comunicar. Tal crítica à massificação do gesto artístico reverbera até a época da escrita deste ensaio, soando extremamente atual. Ao fim e ao cabo, a heterotopia revolucionária propugnada por

Emma Goldman através da literatura não está situada em uma esfera política representativa, mas começa em uma incessante batalha das individualidades que deveriam ser reconhecidas cotidianamente como redatoras da própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGINSKI, Max. (1906). THE OLD AND THE NEW DRAMA. *Mother Earth, The Project Gutenberg*, 1(2),1906. https://www.gutenberg.org/files/27118/27118-h/27118-h.htm#Page_36

FALK, Candace. (2007). Let Icons be Bygones! Emma Goldman: The Grand Expositor. In: WEISS, Penny A. e KESSINGER, Loretta (orgs.). *Feminist Interpretations of Emma Goldman*. 1ªed. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press.

FERGUSON, Kathy. (2011). Gender and genre in Emma Goldman. Em *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, ISSN 0097-9740, Boston, vol. 36, n. 3, pp. 733-757.

FERGUSON, Kathy. (2013). *Emma Goldman: Political Thinking in the Streets*. 1ª ed. Lanham: Rowman & Littlefield.

FERM, Elisabeth Burns. (1907). THE DEMOCRACY OF WHITMAN. *Mother Earth*, New York,1 (11), 23/31. http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/goldman/ME/mev1n11.html

FOUCAULT, Michel. (2013) *Os corpos utópicos, as heterotopias*. 1ªed. São Paulo: N-1 edições.

GOLDMAN, Emma. (1910). ANARCHISM AND OTHER ESSAYS. *The Anarchist Library*, s.n. <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>

GOLDMAN, Emma. (S.d.). ART AND REVOLUTION. *EGP-IISH*, Amsterdam. <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.195?locatt=view:manifest>

GOLDMAN, Emma. (1906a). CHILDS AND ITS ENEMIES. *The Anarchist Library*, s.n. <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-child-and-its-enemies>

GOLDMAN, Emma. (S.d.). EDUCATIONAL EXPERIMENTS IN GERMANY. *EGP-IISH*,Amsterdam.<https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.203?locatt=view:manifest>

GOLDMAN, Emma. (S.d.). IDEAS AND THEIR TRANSVALUATION. *EGP-IISH*, Amsterdam. <https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00520/ArchiveContentList>

GOLDMAN, Emma. (1914b). INTELECTUAL PROLETARIANS. *The Anarchist Library*, s.n. <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf>

GOLDMAN, Emma. (1911). La Hipocresía del Puritanismo. In: RODRÍGUEZ, Alexis. (ed.) *La Palabra como Arma*. 1ªed. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

GOLDMAN, Emma. (1906). OBSERVATIONS AND COMMENTS. *Mother Earth*. New York, vol.1, n.2.

GOLDMAN, Emma. (1920). RUSSIAN LITERATURE. *EGP-IISH*, Amsterdam. <https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARCH00520.252?locatt=view:manifest>

GOLDMAN, Emma. (2021). *Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento*. 1ª ed. São Paulo: Hedra.

GOLDMAN, Emma. (1910). THE MODERN DRAMA: A POWERFUL DISSEMINATOR OF RADICAL THOUGHT. *The Anarchist Library*, s.n. <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>

GOLDMAN, Emma. (1914a). THE SOCIAL SIGNIFICANCE OF MODERN DRAMA. *The Anarchist Library*, s.n. <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf>

GOLDMAN, Emma. (2015). *Vivendo Minha Vida*. 1ª ed. Curitiba: L-Dopa, 2015.

GOLDMAN, Emma. (S.d.). WALT WHITMAN. *The Anarchist Library*, s.n. <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-walt-whitman>

LITVAK, Lily. (1981). *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. 1ª ed. Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

WHITMAN, Walt. (2021). *Folhas de Relva*. 3ªed. São Paulo: Iluminuras.